

Entrevista com Jason Arday

Um professor negro em Cambridge

Interview with Jason Arday
A Black Professor in Cambridge

Amilcar Araujo Pereira*

Jason Arday é sociólogo e atualmente é a única pessoa negra atuando como professor titular na Faculdade de Educação da prestigiosa Universidade de Cambridge, no Reino Unido. Ele nasceu num subúrbio de Londres, em 1985. Filho de pais africanos, crescendo em uma família pobre, aos três anos de idade recebeu o diagnóstico de autismo e atraso global de desenvolvimento. Jason tinha ainda problemas auditivos em um dos ouvidos, o que contribuiu para que ele só começasse a falar quando já tinha 11 anos, graças à ajuda fundamental da sua mãe, que usava músicas diversas para ajudá-lo no desenvolvimento da linguagem. Jason somente aprendeu a ler e escrever quando já tinha 18 anos de idade. Formou-se em Educação Física na Universidade de Surrey e logo fez dois mestrados, um deles seguido pelo doutorado em Educação na Universidade de Liverpool John Moores, em Liverpool, no Reino Unido. Em março de 2023, aos 37 anos de idade, tornou-se um dos mais jovens professores titulares da história de Oxbridge, como chamam no Reino Unido as universidades de Oxford e Cambridge, as duas mais antigas, mais ricas e mais prestigiosas universidades daquele país. Embora ainda muito jovem, Jason já tem vários livros e artigos publicados, conquistou grande reconhecimento, tanto por seu trabalho acadêmico quanto pela arrecadação de recursos para a caridade, e rapidamente tornou-se uma das principais referências no debate sobre relações raciais, racismo, desigualdades e educação no Reino Unido. Entre suas contribuições nos últimos anos para o Ensino de História das populações negras no Reino Unido, destacamos o seu livro *The Black Curriculum: Black British History in the National Curriculum Report*, publicado em 2020, estabelecendo uma crítica contundente ao

* Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade de Cambridge, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. amilcarpereira1@gmail.com <<https://orcid.org/0000-0001-7781-6882>>

“*History National Curriculum*”, o currículo nacional britânico na área de História, branco e eurocêntrico, e apontando caminhos, estratégias e possibilidades para a construção de um currículo de História que contemple a diversidade e reflita o que é a sociedade britânica no século 21, uma sociedade multiétnica e plural racial e culturalmente.

Nesta entrevista, realizada em novembro de 2023, Jason falou de forma franca e aberta sobre a sua trajetória de vida, absolutamente incomum no Reino Unido ou em qualquer outro lugar do mundo, e sobre suas análises voltadas para as relações raciais, o antirracismo e seu trabalho na Universidade de Cambridge. Há uma dimensão estética em sua fala, tanto em relação ao racismo quanto ao antirracismo, que é evidente ao longo de sua narrativa cheia de metáforas e analogias, que é prenhe e nos leva a refletir sobre diversos aspectos da vida em sociedade, especialmente em sociedades como a britânica ou a brasileira, estruturadas historicamente pelo colonialismo e pelo racismo.¹

Então, a ideia é falarmos sobre a sua experiência, sobre como foi crescer como um homem negro neste país e se tornar o único professor negro na Faculdade de Educação da Universidade de Cambridge, um dos professores titulares mais jovens da história da Universidade de Cambridge. A ideia é apresentar aos leitores brasileiros a sua perspectiva sobre a sua trajetória, mas também como você pensa sobre as relações raciais aqui no Reino Unido e como é o trabalho na universidade, especialmente nesta universidade de prestígio, como podemos contribuir para uma educação antirracista trabalhando neste lugar de poder onde você atua agora.

Essa é uma ótima pergunta. Muito obrigado. Eu me sinto abençoado por estar falando sobre isso. Então vou começar de trás para frente. Então, quando falamos sobre a parte antirracista... E então posso falar sobre a outra parte, porque talvez as pessoas já saibam disso, mas em termos deste lugar de poder, uma das coisas que é realmente interessante é como você redistribuiu recursos. Este lugar está envolto em colonialismo como você não poderia acreditar.

O seu fundo patrimonial [*endowment*] vale bilhões, e isso é apenas a universidade, não estou falando das terras que a universidade possui e o que isso significaria em dinheiro atual, tendo em conta que temos uma instituição com quase 900 anos. Para mim, a agenda antirracista consiste em tentar desfazer os laços com o passado ou reconhecer os problemas do passado e pensar em co-

mo mudaremos isso no futuro. Agora, para fazer isso, você precisa de uma massa crítica e de todos pressionando na mesma direção.

A minha experiência com esses tipos de instituições de elite é que nem sempre querem fazer isso porque há muitas pessoas que não querem que as coisas mudem. Então, você tem pessoas internamente que não querem que as coisas mudem. E estou dizendo de maneira geral, não estou falando apenas de Cambridge. E você tem pessoas externamente que têm essa obsessão pela nostalgia e pelo império e pela Grã-Bretanha sendo um império e governando (através da escravidão), e eles não querem que isso mude. Eles não querem que essa narrativa mude.

Então, quando falam de história, colocam o império do lado certo da história, e sempre nos colocam como corpos negros, como subordinados, como submissos, como escravizados, como acorrentados. E isso se reinventa através de diversos mecanismos estruturais e sistêmicos. E esses mecanismos são muito, muito eficazes. Então, você sabe, você tem expressões como “casa do sinhô” [*master’s house*] e “como entrar na casa do sinhô?”. E o que nós, negros, às vezes somos obrigados a fazer, e pelo que podemos ser críticos uns com os outros, é assimilar ou tentar ser como o “sinhô” [*master*], certo?

E você tem outro grupo de pessoas negras, militantes negros, o que é mais comum do que o contrário, que rejeitam isso e dizem: “Conseguir as chaves da casa do sinhô é inútil se você não puder sentar-se à mesa”. Então, para ter um assento à mesa, você tem que ditar os termos pelos quais você se sentará naquela mesa. Porque se você está dizendo a alguém: “Você pode vir e sentar-se na minha mesa, mas só pode sentar-se na minha mesa nestas condições A, B e C”, bem, isso não significa nada. Isso não significa nada. Você também pode continuar a ser escravizado. Você também pode ser a pessoa que serve ao senhor. Mas o que significa alguma coisa é se você puder determinar os termos pelos quais você se senta à mesa. “Então vou sentar-me à mesa sem correntes. Não vou comer as sobras. Comerei no mesmo prato que você come e não limparei sua sujeira.” Esses podem ser os termos, metaforicamente falando. Mas, como pessoa negra ou como parte da maioria global [*global majority*], ser capaz de ditar os termos ao conduzir esse veículo do antirracismo é muito, muito importante. Se você não pode ditar esses termos, pode ser o mesmo que continuar escravizado, é o mesmo que continuar acorrentado.

E você tem que tomar uma decisão. Como uma das minhas melhores

amigas, o nome dela é Dra. Chantelle Lewis,² sempre me diz: “Você tem que escolher um lado. É difícil, porque ninguém quer ser forçado a fazer algo que não quer, mas você tem que escolher um lado e o lado que você tem que escolher é o seguinte: ou você defende algo ou cai por qualquer coisa.” Então você entra em uma situação como a minha aqui na Universidade de Cambridge e há muita pressão sobre você para se conformar, para mudar a forma como você se encaixa.

É aí que você realmente precisa entender sua força de caráter. Você tem que entender o motivo pelo qual está aqui. Se você não sabe disso, é uma coisa muito inebriante. Antes que você perceba, você soa diferente, se apresenta de forma diferente, perde seu senso de identidade. E em um lugar como este, você tem que ser muito forte na sua identidade e estar muito apegado ao motivo pelo qual você veio aqui, que é mudar as coisas. Criar um espaço onde possamos nos envolver em práticas antirracistas. E que isso seja como respirar. Como oxigênio. Uma coisa tácita que você faz. Que você faz sem nem pensar.

No momento, estamos tendo que fazer coisas muito deliberadas em torno disso, onde você tem que pensar e pensar demais sobre isso. Quero que chegue a um estágio em que, quando nos envolvemos no antirracismo, quando nos envolvemos numa redistribuição de recursos resultantes do racismo, que a gente faça assim: [estala os dedos]. Sem nem precisar pensar nisso. Sem precisar passar por esse comitê... Que se torne algo tão simples quanto respirar, porque quando praticamos o antirracismo, complicamos demais. Nós complicamos e complicamos tudo e tornamos muito difícil estabelecer formas, de envolver-se em formas de atos reparadores, tornamos tudo muito difícil. Nós tornamos isso tão, tão difícil. Existem maneiras de fazer isso que podem tornar tudo muito mais fácil. Então, isso para mim é importante. Mas para fazer isso, você precisa estar fundamentado nesse senso de identidade. E esse senso de identidade para mim remonta à minha educação. E minha formação foi o que acabou me tornando a pessoa que sou agora.

Tive muita sorte, tenho pais africanos, ganense e sul-africano. O que é bonito em ter pais africanos são: 1) as tradições; e 2) o sentido de comunidade e o que isso significa. E o que os africanos historicamente sempre foram bons em fazer é plantar uma pequena gota e ela se transformar num enorme oceano. Minha mãe sempre dizia: “A caridade começa em casa”. Portanto, todas as lições que aprendi começaram em casa. E parte disso é porque éramos muito pobres.

Há muitas coisas que não esqueço de quando era criança. Mas essa coisa em particular eu nunca esqueci. Minha mãe e meu pai tinham muitas pessoas entrando e saindo de casa quando eu era criança. Muitas pessoas. E muitas vezes essas pessoas não tinham muito. Tinham tão pouco quanto nós. Mas talvez uma ou duas vezes por mês, minha mãe e meu pai economizavam os poucos recursos e dinheiro que tinham, e minha mãe cozinhava muito, muito. Ela cozinhava muito e comprava metros de papel alumínio e cozinhava, e essas pessoas vinham e comiam, ela cuidava delas. Minha mãe e meu pai os acolhiam, cuidavam deles e garantiam que estivessem bem alimentados. E quando eles saíam, mandavam comida embrulhada em papel alumínio para eles levarem para casa: “Dê para seus filhos, dê para sua esposa, dê para seu marido, dê para quem quer que seja”. E eles sempre faziam isso. E eles não tinham nada.

Quando você observa isso quando criança, tem um efeito muito grande, quando duas pessoas pobres, que não têm nada, usam os poucos recursos que têm para cuidar de pessoas que têm tão pouco quanto elas. O que as pessoas sempre pensam é que tinham pena de mim por eu não poder falar, mas foi a coisa mais linda, porque na ausência da fala eu pude observar, pude ouvir. Bem, eu era surdo de um ouvido, mas conseguia ouvir. Eu pude observar pessoas e seres humanos e pude ver a diferença que essas coisas faziam. E você está absorvendo tudo. Você está absorvendo tudo.

Minha mãe sempre me levava quando criança para abrigos para moradores de rua para ver como outras pessoas sofriam e como outras pessoas viviam. Então, quando criança, passei muito tempo perto de pessoas pobres que não tinham muito. E minha mãe sempre dizia: “Você pode ter uma carteira cheia de dinheiro, Jason. Você pode ter centenas de milhares de libras e isso pode comprar o que você quiser. Mas você sabe o que não pode comprar? Você sabe o que o dinheiro não pode lhe ensinar? Não pode lhe ensinar isso, essa compaixão pelas outras pessoas, essa compreensão de que existem pessoas menos afortunadas e que você nunca sabe quando estará nessa situação. Então, sempre que você tiver pouco ou muito, doe. E quanto mais você doar, Jason, mais o Senhor o abençoará.” Ela sempre dizia: “Quanto mais você doar, mais será abençoado”. Então, quando eu tinha 18 anos, minha mãe levou a mim e aos meus irmãos para um abrigo para moradores de rua no Natal. E eu conheci um cara lá que era sem-teto. E dentre todas as ironias, ele me disse: “Sabe, Jason, quando as pessoas olham para mim, elas julgam que fiz uma sé-

rie de escolhas erradas e então acabei aqui. Sabe o que aconteceu? Não fiz escolhas ruins. Eu era um homem de prestígio. Eu era um homem estimado. Você sabe o que eu fazia para viver? Eu era um professor titular”. Eu disse a ele: “O que é um professor titular? Não sei o que é um professor.”

Então, ele me explicou que é alguém que chega ao topo de sua carreira, do ponto de vista acadêmico, e professa a experiência que adquiriu e se torna um especialista em sua área. Quando eu tinha 18 anos, eu não sabia disso. Ironicamente, uns 19 anos depois, o que aconteceria? Mas quem poderia saber disso? E ele me disse: “Eu tinha esposa e dois filhos e eles morreram em um acidente na estrada. Voltei-me para a bebida e as drogas e fiquei sem dinheiro. Fui condenado à prisão preventiva. E, então, quando saí, fiquei sem teto e perdi minha propriedade, perdi minha família, perdi tudo. O que quero que você entenda, Jason, é que, na vida, as pessoas olham para as outras e fazem julgamentos, mas passei por uma série de circunstâncias ruins e perdi tudo. Tudo. E acabei aqui. Sinto que você fará grandes coisas porque, aos 18 anos, você tem uma compaixão que a maioria das pessoas com cinco vezes a sua idade não têm. Sempre reserve um tempo para ouvir, nunca julgue as pessoas e entenda que as pessoas não acabam aqui por acidente.”

Então, quero dizer, em março deste ano [2023], quando surgiram as notícias sobre a minha contratação como professor titular em Cambridge, recebi mais de meio milhão de e-mails, de gente de todo o mundo. Recebi um e-mail do mesmo cara e ele disse: “Jason, você não vai se lembrar de mim, mas há quase 20 anos, conheci você em um abrigo para moradores de rua e você levou duas horas lá ouvindo a minha história. Nunca esqueci o que você fez. E lembro de você dizendo que tentaria fazer tudo o que pudesse para ajudar o mundo.”

Depois de ter ido no abrigo para pessoas sem-teto, fui dizer à minha mãe que ia arrecadar o máximo de dinheiro possível para caridade e que dedicaria a minha vida a ajudar as pessoas. E o que minha mãe ensinou a mim e a meus irmãos, desde pequenos até hoje, é que a vida de todos tem um propósito. Não existe ser humano cuja vida não tenha sentido. A vida de todo mundo tem um propósito. Você só precisa descobrir qual é o seu propósito. E senti que era meu propósito, senti que Deus me colocou neste planeta para ajudar as pessoas. E era isso que eu ia fazer.

E, então, eu disse: “Antes de completar 40 anos, vou tentar arrecadar 1 milhão de libras para caridade”. Do meu jeito, avançando rapidamente, cheguei

aos 30 e alcancei essa meta de caridade aos 30 anos de idade, e arrecadei 5 milhões até o momento. E dediquei milhares de horas ajudando pessoas, organizando campanhas para moradores de rua e todo esse tipo de coisa. E recebi este e-mail do cara, e ele disse: “Sabe, Jason, o tempo que você passou comigo, nunca esqueci. E isso se tornou o catalisador para eu me recuperar. Conheci alguém e me casei novamente. Tenho três filhos agora e tenho minha própria instituição de caridade que se concentra em oferecer oportunidades educacionais para moradores de rua. Sabe, Jason, eu disse à minha esposa há dez anos que conheci uma pessoa que era como um anjo e ele era uma criança na época, mas pude ver nele que ele continuaria e faria grandes coisas. Eu disse para minha esposa que estava assistindo TV: esse cara de quem estou falando é ele. Esse é o cara. O nome dele é Jason. Esse é o cara. Eu sabia que ele continuaria e faria grandes coisas”. E, você sabe, apesar de todas as coisas que as pessoas dizem sobre a academia e coisas assim, existe um provérbio islâmico que diz que sua mão esquerda não deveria saber o que sua mão direita está fazendo.

Acho que a razão pela qual há muitas pessoas que dizem coisas boas sobre mim é porque são todas histórias que as pessoas não conhecem. Então, muitas pessoas que agora começaram a dizer coisas, falam sobre as histórias de quando eu não tinha nada, mas se eu tivesse uma libra no bolso, daria para alguém. Se eu tivesse um pouquinho de comida, o que quer que eu tivesse, eu daria. Todos aqueles momentos em que não tinha muito e dei tudo, ou tinha muito e dei tudo. Essas são as coisas que importam. Isso não é tudo.

Quando entrei na academia, há dez anos, meu pai me disse: “Quero lhe contar uma coisa e quero que você nunca se esqueça do que estou prestes a lhe contar. Você não pode ser enterrado com seus livros. No final das contas, não se trata do que você fez ou do que disse, mas de como você fez as pessoas se sentirem. Nunca esqueça isso. Você tem potencial para fazer algo grande, mas em sua área as pessoas se perdem porque são vaidosas e querem que o mundo inteiro saiba. Não mude, Jason. Prometa-me que não vai mudar”. E eu nunca mudei.

Me ofereceram tudo, tudo que existe para ser egoísta, para ser individualista, para ser vaidoso, para pisar nas pessoas para chegar onde eu queria, e nunca fiz nada disso. Sempre trouxe comigo o máximo de pessoas que pude, principalmente negros, e principalmente mulheres negras. Ajudei qualquer um que me pediu. Eu paguei pelos estudos das pessoas. Eu dei tudo o que já

tive. E tudo o que aconteceu em troca é que o Senhor continuou a me abençoar cada vez mais e mais e mais. E ele me deu cada vez mais e mais para dar.

E até coisas como ser abençoado por conhecer alguém como você, que de certa forma é como uma alma gêmea. É como conhecer seu irmão de outra mãe. E, você sabe, você pensa esse tipo de coisa, tipo, não importa quanto *status* alguém possa ter ou quanto dinheiro. Você não pode comprar isso. Através de Kathryn Moeller, ela me diz: “Ah, eu conheço esse cara. Ele é incrível. Ele é uma das melhores pessoas que você poderia conhecer, Jason. Preciso apresentar você a ele”. E então eu descubro que tem um cara chamado Stephen Small, que é professor na América, e em uma conversa separada ele disse: “Você precisa conhecer esse professor, esse cara chamado Amilcar. Ele é do Brasil. Jason, você precisa conhecê-lo, ele é incrível”. E eu digo: “Ele está falando comigo sobre esse Amilcar. OK”. “Esse Amilcar está vindo para Cambridge”. “Oh, uau”. É isso que eu quero dizer. Como o destino. Você não pode dobrar a mão do destino. Você sabe, a única coisa que não se pode determinar é a vontade de Deus.

Sandro costumava me dizer que Muhammad Ali tinha esse conceito e se chamava “vontade *versus* habilidade”. E o Sandro dizia: “Jason, você não tem habilidade nenhuma. Você não tem habilidade alguma. Mas o que você tem é essa vontade e você simplesmente não será derrotado, nunca desistirá. E é nisso que precisamos confiar. Você pode medir habilidade, você pode medir inteligência, mas o que você não pode medir, você não pode medir a vontade de alguém de ter sucesso”. Então, quando digo que não poderia ter feito mais nada, não poderia ter tentado mais.

Eu não poderia ter colocado mais pessoas na minha frente para ajudar... Eu não poderia ter feito mais nada. Acho que por ter feito todas essas coisas, acho que é por isso que Deus me abençoou da maneira que fez. Porque se você tentar explicar o que aconteceu, é inexplicável. É inexplicável que, você sabe, a probabilidade de uma pessoa mais jovem virando professor titular aqui... Isso pode acontecer. Mas a probabilidade de alguém aprender a ler e escrever aos 18 anos e se tornar professor titular em Oxbridge [Oxford ou Cambridge], provavelmente isso nunca mais acontecerá. E a única razão pela qual isso poderia ter acontecido é por causa de Deus. Não tem outro... Sabe, as pessoas falam de milagres e de coisas que veem e que são inexplicáveis. Esta é uma daquelas coisas. Isso aconteceu comigo. Os últimos 20 anos aconteceram comigo e não consigo nem explicar para alguém. Então, quando as pessoas me pedem para dizer: “Como isso aconteceu? O que você fez?”. Não sei. Porque não sei a

vontade de Deus. Tudo o que sei é que existem muitas pessoas que são muito mais merecedoras, muito mais capazes e têm muito mais dons do que eu. Mas por alguma razão, Deus me escolheu. E eu tentei. E eu tentei. E eu tentei o máximo que pude.

Você é um homem muito jovem. Você tem muitas coisas, tem muito o que fazer. Então eu gostaria de saber como você vê o seu trabalho sobre raça, sobre antirracismo, sobre ajudar as pessoas, sobre mudar esta universidade? Como você me disse, esta universidade tem quase mil anos e o colonialismo e o imperialismo e todas essas coisas na história da formação desta universidade. E você tem todo esse prestígio. Você é uma pessoa muito famosa, e estou te dizendo que as pessoas que vão ler essa entrevista, e não sei se sabem, mas seu rosto está nos livros infantis agora. E você começou a trabalhar aqui em Cambridge este ano.

Em março deste ano [2023].

E você já é muito famoso no mundo todo, não só em Cambridge, mas é uma inspiração para os jovens negros de todo o Reino Unido e agora no Brasil também, com certeza. Como você vê o seu trabalho nesta universidade em termos de como a sua produção de conhecimento pode ajudar a mudar as coisas? Você escreveu um relatório sobre a história negra no currículo, no currículo nacional em 2020, e eu estava lendo, e gostei muito da sua perspectiva e da maneira como você escreveu o relatório. Como você vê possíveis mudanças nessa perspectiva antirracista, nessa descolonização do currículo através do seu trabalho aqui em Cambridge?

Então, uma das coisas que eu acho que está realmente ausente no ensino superior, na academia, na verdade, é a práxis. Então você tem teoria e prática. E muitas vezes, devido ao lugar em que a academia se coloca, ela não faz tantas coisas cívicas quanto deveria. Portanto, não se envolve com... Você sabe, os mais velhos da comunidade, todas as respostas estão sempre na comunidade. Elas são sempre dadas por ativistas comunitários, pelos mais velhos, por pessoas. E você precisa trazer essas pessoas para esta torre de marfim. Você precisa trazê-los para esses espaços.

E a razão pela qual você precisa trazê-los para esses espaços é porque o conhecimento que eles têm, eles têm esse elemento de práxis. Eles podem teorizar sobre essas coisas, mas também têm experiência prática de como essas

coisas funcionam na prática. E em termos de antirracismo, uma das coisas que é muito, muito importante é que o racismo é uma ferramenta de divisão muito útil, porque é capaz de se reinventar. Agora, as pessoas na linha da frente que conhecem as suas diversas iterações são ativistas comunitários, pessoas que trabalham na comunidade.

As pessoas que trabalham em universidades nem sempre sabem disso, a menos que haja um elemento de práxis em seu trabalho. Você sabe, e isso é uma coisa muito importante. Portanto, para mim, parte do trabalho que quero fazer é garantir que tenhamos uma melhor coesão e simbiose entre ativistas comunitários e acadêmicos, porque penso genuinamente que as respostas estão na comunidade.

Mas penso que é preciso haver aquela humildade, que não existe entre os acadêmicos, para se envolverem com ativistas comunitários e intervenções comunitárias e para usarem um pouco desse capital e agência como acadêmicos para trabalhar com ativistas comunitários e para criar algo que é quase... Você sabe, o que temos são dedos trêmulos e o que você precisa é de um punho coletivo para penetrar em algo como o racismo. E penso que os acadêmicos podem trabalhar muito melhor com ativistas comunitários, em vez de extrair coisas deles.

É incrível quanto esforço as pessoas fazem para defender o *status quo* desigual... E precisamos responsabilizá-las. Os aliados brancos precisam responsabilizá-las e precisamos de melhores mecanismos para também reconhecer isso. Assim, por exemplo, no Reino Unido temos uma forma de discriminação positiva chamada ação positiva, e não fazemos bom uso dela. Não quando se trata de raça. Fazemos bom uso disso quando se trata de questões como gênero e deficiência, e com razão. Mas quando se trata de raça, não fazemos isso.

E precisamos fazer isso porque o que está acontecendo neste país é que, nos setores privado, voluntário e público, estamos perdendo gerações de pessoas negras talentosas por causa do racismo sistêmico e institucional. E isso está sendo, de certa forma, mascarado como: “Oh, essas pessoas não têm ambição” ou “falta de aspiração”. Não. O que lhes falta é oportunidade. Há uma diferença. Falta oportunidades, e lhes faltam essas oportunidades por causa da cor de sua pele. E as pessoas gostam de passar muito tempo discutindo sobre esse assunto. Isso é um fato. Isso é um fato. E pode ser um fato com o qual as pessoas não queiram se inteirar ou se envolver. Mas as pessoas na maioria global não obtêm oportunidades por causa da cor da sua pele. Essas estruturas fo-

ram concebidas para nos manter afastados e, a propósito, são muito, muito eficazes. Mas não vamos fingir que eles não existem e não vamos fingir que uma ideia como a meritocracia funciona, porque a meritocracia funciona para um grupo seletivo de pessoas, e não é a maioria negra e global.

E quanto mais cedo tivermos conversas de adultos sobre isso, mais poderemos mobilizar o antirracismo como uma agenda, porque não é benéfico apenas para a maioria negra e global compreender o antirracismo, é para o benefício de cidadãos de todos os países e sociedades. Todo o objetivo da educação, na minha opinião, é preparar as pessoas para ocuparem o seu lugar numa sociedade global multicultural, multiétnica e multidiversificada. E neste momento, nem sempre acredito que estamos preparando as pessoas para estarem em sociedade e serem capazes de fazer isso.

E a consequência disso é que causam danos, ainda mais danos, sistêmicos, violentos ou outros, à maioria negra e global. Então, essa é a consequência de não fazer isso. Acho que é importante termos essas conversas porque, diante dessa abdicação de responsabilidade e dessa ausência de responsabilização, só há um grupo de pessoas que sofre. Sempre sofremos as consequências disso.

É muito doloroso ver às pessoas serem negadas oportunidades e oportunidades de viverem a mobilidade social, como você e eu vivemos, você sabe, apenas através de sua diligência ou talento ou trabalhando para atingir um objetivo. Você sabe, como pessoas de cor, como dois homens de cor, homens negros, encontramos maneiras de negociar isso e encontramos maneiras de negociar a branquitude, mas não vencemos o sistema, encontramos maneiras de negociar a branquitude. E o que estamos dizendo é que não queremos que a próxima geração de pessoas tenha que fazer isso.

Queremos que as pessoas negociem um sistema com base em suas próprias capacidades, e não porque você tenha que, de certa forma, se esquivar e pensar: “Como faço para lidar com pessoas racistas? Como administrar a branquitude?”. Porque, no final, você não tem energia nem para aproveitar o que tem, sabe? E é uma coisa muito triste, você sabe, e eu quero que tenhamos uma conversa adulta sobre isso e que encontremos maneiras de garantir que quando as pessoas começarem na linha de partida, não tenhamos pessoas de minorias étnicas ou negros ou da maioria global começando 100 metros atrás. Na maioria dos casos, temos brancos começando 80 metros à frente e os outros estão 20 metros atrás da linha de largada. Você sabe, não podemos continuar assim porque estamos perdendo... Há um elemento psicológico nisso

também e há uma parte de multimorbidade nisso. Esse tipo de coisa encurta a vida das pessoas. Isso deixa as pessoas doentes. Você sabe, as pessoas costumam falar sobre a maioria negra e global e dizem que a razão pela qual sua expectativa de vida não é tão longa é por causa da dieta e todo esse tipo de coisas. É estrutural. O racismo é estrutural, é sistêmico, é institucional.

E se você tiver que lidar com isso a vida toda, bem, sim, você não vai viver até os 80. Você não vai viver até os 90 porque toda a sua vida você está atravessando, você está tentando evitar as minas terrestres do racismo. E há um limite para o que você pode fazer antes de ser cortado pela metade. Você não pode fazer isso para sempre. Não é sustentável. E em algum momento você tem que tomar aquela decisão horrível de se virar e dizer, o que muitos acadêmicos do Reino Unido fazem, acadêmicos negros: “Não posso mais fazer isso. É uma escolha entre meu bem-estar psicológico, minha família e minha carreira”.

Não é uma escolha que muitas pessoas brancas tenham de fazer, em geral, mas é uma escolha que muitas pessoas negras e de minorias étnicas são forçadas a fazer no ensino superior global. “Eu não posso mais fazer isso. Então, vou escolher minha família e minha sanidade e vou abandonar minha carreira. Mas dediquei 25 anos a esta carreira e o que tenho para mostrar?” E então, na meia-idade, você precisa começar de novo, pensar em maneiras de criar uma carreira para si mesmo. Está errado.

E enquanto Deus me fornecer fôlego, força ou energia, sempre, sempre farei tudo o que puder para lutar contra isso. E quando a minha vez acabar, será a vez de outra pessoa assumir. E é isso que quero dizer, entrar nesses espaços não se trata apenas de fazer um trabalho. Parte do que você precisa fazer é interromper. Você tem que desmontar. Você tem que se desvencilhar. Você tem que desagregar as coisas. Eles dizem: “Isso vai aqui”, você tem que movê-lo e colocá-lo lá. Eles dizem: “É assim que as coisas deveriam ser”. Você tem que se virar e dizer: “Não, não é assim que deveria ser. Vamos tentar fazer assim”.

Você tem que interrogar. Você tem que ser um pouco inteligentemente agressivo (intelectualmente falando). Você tem que querer a maldita coisa. Você tem que contar a eles e tem que fazer isso e tem que olhá-los no branco dos olhos e tem que contar da maneira mais calma, mais articulada e mais baseada em evidências que você puder fazer. Você não pode dar a eles o que eles querem, e eles querem reduzir você a alguém que está com raiva, que é agressivo, que é combativo. Você tem que ficar calmo.

Existe uma expressão que eles usam em um esporte chamado *rugby*, no

Reino Unido. Bem, existe uma seleção brasileira de *rugby*, então a maioria dos brasileiros saberá. Dizem: “Corpo em chamas, cabeça na geladeira”. Então você pode estar cheio de raiva, mas sua cabeça deve estar fria como gelo. Tão fria quanto gelo, porque muitas vezes, quando você questiona as pessoas sobre essas questões, provavelmente você tem uma ou duas chances. Eu sempre digo que, como pessoa negra ou alguém da maioria global, você tem que entender a branquitude melhor do que os brancos, porque para cada coisa que você disser, eles terão uma resposta. Eles terão um truque. Eles terão algo que podem jogar de volta em você. Você tem que ser capaz de coreografar o que eles vão dizer. Você tem que entender a branquitude. Se você quer sobreviver na academia como negro ou como alguém da maioria global, você precisa entender melhor a branquitude do que os brancos. Se você fizer isso, não há nenhum soco que eles possam dar em você e que você não veja chegando. Mas eles nos pegam porque mudam tudo.

Você sabe, eles começam como lutadores de pé dianteiro em posição de canhoto, e então eles mudam e trocam de golpe e então mudam de novo. E então eles giram. No final, você tem uma pessoa na sua frente, mas é como se estivesse brigando com três pessoas diferentes. É como *Matrix*. Você está lutando contra três pessoas diferentes. Você tem que colocar aquela pessoa na sua frente e arrancar a cabeça dela e continuar arrancando a cabeça dela. Cada vez que eles voltam para você com alguma coisa, você pode combatê-los. Você pode dar um soco. Eles atacam com um *jab* esquivante. Você pode esquivar do soco. Você esquiva do soco. Você esquiva do soco. Toda vez. Eles não estão batendo em você aqui, você não está levando esses socos na cabeça, porque é isso que eles querem. E no final, ficamos racialmente cansados da batalha. Ficamos lesados. E no final, você apenas diz: “Não aguento mais”. Mas o que temos que fazer é esquivar. No entanto, muitos socos, levar socos na cabeça e levar socos nos ombros são coisas muito diferentes. Seu ombro pode estar cansado e você não conseguir levantá-lo, mas é muito melhor do que levar socos na cabeça.

E para entender a branquitude, você tem que entendê-la melhor do que os brancos, porque a branquitude é algo que você é forçado a navegar. Você ganha moeda e capital à medida que avança, e quanto mais moeda e capital você ganha à medida que avança, então você usa essas plataformas e usa esse poder para perturbar a ortodoxia normativa. Isso é o que você faz para perturbar a ortodoxia. E para fazer isso, você realmente precisa entender a branquitude melhor do que os brancos.

Quando você puder fazer isso, não haverá nenhuma situação da qual uma pessoa branca possa sair em termos daqueles que praticam formas de racismo contra a maioria negra e global. Então, obviamente, temos muitos aliados brancos, mas aqueles que apostam na garantia e manutenção do *status quo* do ponto de vista da desvantagem sistêmica e institucional, são essas pessoas que temos de compreender melhor.

E uma vez que você consegue fazer isso, o papel deles se torna obsoleto porque os argumentos que eles apresentam não têm qualquer peso quando você é capaz de contrapor esses argumentos. Porque o que eles querem que você faça é gritar com eles, ficar com raiva. Não dê isso a eles.

Mas estou pensando em toda essa luta, como você vê as possibilidades de mudar essa luta? Por exemplo, eu estava pensando, eu realmente gostaria de saber a lista de livros que você usa para ensinar com seus alunos, por exemplo. Como você vê essas possibilidades de luta no campo do currículo?

Sim. Então, para mim, quando você está no espaço e na arena pedagógica, quer dizer, tem duas pessoas que sempre me orientaram. Portanto, o primeiro livro que me chamou a atenção em termos de compreensão de como dar sentido a essas coisas é *Pedagogia do oprimido*, de Paulo Freire. Esse foi o maior que teve uma influência realmente significativa. Para mim, Paulo Freire, esse foi o livro que me colocou por dentro de tudo. E, depois, tudo da bell hooks. Não há um livro da bell hooks que eu não goste. *Funk sem cortes*, que é da bell hooks e do Stuart Hall, é um livro muito bom.

Se eu tivesse um favorito, diria que poderia ser esse. bell hooks é minha heroína. Minha orientação como acadêmico eu peguei dela, e também de Shirley Anne Tate. Ela é brilhante. Ela trabalha muito em torno da experiência das mulheres negras através do uso da etnografia, da autoetnografia, da identidade, especialmente em torno das mulheres negras, e do impacto do colonialismo nisso em termos de beleza. Muito do trabalho que sempre me motivou foi feito por feministas negras, na verdade. Então, Patricia Hill Collins e Kimberlé Crenshaw, obviamente, seu trabalho seminal sobre interseccionalidade.

Essas são as coisas que sempre me inspiraram, e eu sempre soube que tipo de acadêmico queria ser porque minha mãe era uma feminista negra e ela criou a mim e aos meus irmãos como uma feminista negra. Então, obviamente, quando você está crescendo, você não sabe o que vai acabar fazendo. Mas essa lente sempre esteve em casa. E Angela Davis etc. Você cresce e não é sur-

presa que você acabe pensando assim, porque essa doutrinação aconteceu a partir dessa idade. E quando você é um menino e depois um adolescente, e depois um adulto, você recebe muitas coisas, e então a lente pela qual você fala é... Eu não acabei falando assim por acidente. Fui doutrinado dessa forma.

Eu sei. Meu nome é Amílcar [risos]. Meu pai me deu esse nome por causa de Amílcar Cabral, líder africano e intelectual muito importante, que pensava a luta política e a luta pela independência na África, especialmente na Guiné-Bissau e em Cabo Verde. Então, eu entendo você, essa doutrinação parece estar, no meu caso, desde o meu nome.

Desde o nascimento. Desde o ventre de sua mãe.

Mas já que são africanos, você conhece outros escritores e pensadores da África que possam ter tido alguma influência na sua maneira de trabalhar ou...?

Sim. Quero dizer, sim e não. Então, tomei muitas orientações de estudiosos sul-americanos, mas, predominantemente, para ser sincero, tomei a maioria das orientações de estudiosos negros e afro-americanos. E como a maioria deles recebeu orientação dos mesmos estudiosos, ou de estudiosos africanos... Quero dizer, o acadêmico africano que provavelmente teve o maior impacto em meu trabalho e em minha maneira de pensar foi Steve Biko, um advogado sul-africano e ativista dos direitos civis. Os escritos e ensinamentos de Steve Biko são muito influentes para mim. Quando minha leitura e escrita melhoraram, foi um dos primeiros livros adultos, livros sérios que li quando tinha cerca de 24 anos e, naquela época, eu já lia e escrevia havia seis anos, e isso teve um impacto enorme em mim. E obviamente, meu herói é Nelson Mandela. Então, obviamente, ler seus trabalhos, especialmente sobre ativismo, foi bastante interessante. E posteriormente sua autobiografia sobre a *Longa caminhada para a liberdade*. Mas Steve Biko era... Se eu fosse pensar num escritor africano, diria que seria ele.

E, a propósito, muitos estudiosos negros no continente africano citarão frequentemente o seu trabalho como sendo seminal no que fizeram. E muitos estudiosos afro-americanos farão o mesmo. Steve Biko, o que ele fez foi notável em termos de consciência política. E é um tipo único de consciência política porque, naquela altura específica, as suas reflexões e aprendizagens foram

muito interessantes, dado que a África do Sul vivia um estado de *apartheid*, era segregado.

E, infelizmente, ele mesmo... Bem, é sabido que disseram que ele morreu de greve de fome e não quiseram liberar o corpo. E, então, um famoso fotógrafo britânico conseguiu abrir o caixão. E obviamente, quando o mundo inteiro o viu, bem, não parecia uma greve de fome, não é? Ele foi espancado até a morte por policiais sul-africanos. Essas coisas foram realmente significativas.

Está bem. Só para terminar, por causa do tempo também. Mas eu estava entrevistando algumas pessoas negras aqui. Entrevistei uma estudante de doutorado e a bibliotecária de estudos africanos. E elas disseram a mesma coisa sobre as mudanças que estão vindo nesta universidade, na Universidade de Cambridge. Como o número de alunos negros está aumentando, principalmente nos últimos cinco a oito anos. E agora o número de professores negros foi maior este ano. Então, você está no início de sua trajetória aqui, mas você vê as coisas mudando aqui? Você acha que é possível, mesmo com toda a história desta universidade, fazer as mudanças que acreditamos serem necessárias por meio de seu trabalho aqui?

Essa é uma boa pergunta. Sempre acho que tudo é possível. Esta é a minha frase de efeito: a mudança é possível. Mas é preciso ter pessoas dispostas a aceitar o diferente não como um déficit, mas o diferente porque é bom ter diferença. É bom ter diferentes corpos, modos de pensar, modos de ser, de vivenciar, de informar espaços de aprendizagem na busca de preparar as pessoas para ocuparem o seu lugar na sociedade. Porque essa é a minha crença: O objetivo da educação é preparar as pessoas para ocuparem seu lugar na sociedade.

É muito difícil dizer se... O problema com... As traves são movidas com tanta frequência que, você sabe, um minuto uma pessoa negra poderia fazer tudo o que precisa para ser capaz de ser relevante hoje, mas amanhã as traves se movem e então todos, de repente, estão de volta ao início. Então, eu acho que, em um lugar como este, eles estão procurando empregar mais pessoas negras e pessoas da maioria global. Mas acho que o que é realmente importante é fornecer um espaço seguro para essas pessoas residirem.

Você pode empregar mais pessoas, mas se o espaço não for seguro e for violento e sistemicamente violento, não há muito sentido em eles estarem aqui. Então, para mim, muito do meu trabalho gira em torno do envolvimento em mecanismos e de apoio a intervenções que ajudem o ecossistema uni-

versitário a criar espaços seguros para pessoas negras e pessoas da maioria global, e também a reconhecer diferentes tipos de critérios. Portanto, há uma perspectiva muito estreita sobre a excelência, que é muito branca e eurocêntrica, e trata-se de ampliar essa perspectiva de excelência porque a excelência pode ser demonstrada de muitas maneiras diferentes. E muitas vezes, os tipos de capital que associamos como excelência no meio acadêmico nem sempre se prestam ao esforço da maioria negra ou global no meio acadêmico.

Portanto, precisamos reconhecer essas formas de troca de conhecimentos, de recolha de conhecimentos, e precisamos reconhecer a singularidade e o valor disso, especialmente entre os acadêmicos negros e de maioria global, porque são singularmente diferentes, muito, muito singularmente diferentes.

Muito bem. Obrigado. Você gostaria de dizer mais alguma coisa?

Não, eu não gostaria. Meu sonho é ir vê-lo dar aulas no Brasil. Portanto, essa é a próxima coisa que vou fazer. Espero que eu consiga fazer isso acontecer com facilidade. Então, essa é a próxima coisa que quero fazer.

Vamos fazer isso. Muito obrigado.

Muito obrigado.

NOTAS

¹ A entrevista foi realizada em 28 de novembro de 2023, na Faculdade de Educação da Universidade de Cambridge, no Reino Unido. A tradução para o português e a edição da entrevista foram feitas por Amilcar Araujo Pereira. À época da entrevista, o autor era British Academy Visiting Professor na Faculdade de Educação da Universidade de Cambridge.

² Dra. Chantelle Jessica Lewis é socióloga e atua como “Andrew Pitt Junior Research Fellow in Black British Studies” na University of Oxford, no Reino Unido.



Entrevista recebida em 23 de outubro de 2024.
Aprovada em 11 de novembro de 2024.